



Joaquim Roriz cala... e consente

Com o GDF omisso, Senado aprova nome de Santoro para o Teatro Nacional

Já está decidido. O Teatro Nacional de Brasília chama-se agora "Teatro Nacional Cláudio Santoro". A decisão foi tomada na última sexta-feira, pelo Senado Federal, que aprovou projeto do senador Maurício Correia. Com esta decisão, o parlamentar brasiliense presta homenagem ao maestro amazonense, morto em Brasília, no dia 27 de março último.

A decisão ficou a cargo do Legislativo, já que o governador Joaquim Roriz, que tinha quinze dias para se pronunciar (sancionando ou vetando o projeto de lei) não tomou nenhuma atitude.

Os assessores de Roriz analisa-

ram todos os ângulos da questão. Se o governador vetasse o projeto, estaria dando munição aos opositores de Santoro, em especial o maestro Marlos Nobre. O veto de Roriz soaria como vitória do polêmico maestro que dirige o Teatro Nacional, palco da morte de Santoro, fulminado por enfarre, enquanto ensaiava a Sinfônica.

Se aprovasse o projeto, o governador estaria endossando proposta de seu mais ferrenho crítico, o senador, pelo PDT, Maurício Correia. O que fazer?

O governador preferiu qual Pilatos, lavar as mãos. Não agradou aos adeptos de Marlos Nobre, nem aos santoristas, de quem Maurício Correia se fez porta-voz. Aos que não

pertencem a nenhum dos grupos e se desgostam com a atribuição de nomes de mortos — ilustres ou não — a monumentos brasilienses, resta um consolo. O Teatro continua sendo "Nacional". Ao que se sabe, o GDF encorajará a uma agência de publicidade o novo logotipo do maior teatro da cidade. Em letras maiúsculas se grafará "TEATRO NACIONAL" e, em "alto, e baixo". Cláudio Santoro.

Quem estabelece hierarquia no mundo da música erudita estranhou o fato de Santoro dar nome a teatro que tem Villa-Lobos como nome de sala. A possibilidade de nominar o conjunto de três salas com o nome do criador das "Bachianas" dando a

Santoro o nome da maior sala, foi rechaçada. Afinal, a cidade inteira já se acostumou com o nome da "Villa-Lobos", da "Martins Penna" e da péquena "Alberto Nepomuceno".

De lição, fica o seguinte: a moderna cidade criada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, com suas "W", "L", "HIGS", "SQS", etc, está, aos poucos conquistando a rotina brasileira. Muitos de seus monumentos já têm nomes de mortos mais ou menos ilustres: Parque Rogério Phiton; Ginásio Cláudio Coutinho, Ginásio de Esportes Nilson Nélson; Eixo Monumental JK, Panteão da Liberdade Tancredo Neves, etc, etc. Só que a população não assimila estes nomes. Prefere ignorá-los. (MRC)